

FOLHA LITERÁRIA

Informativo da Fundação Pedro Calmon e da Empresa Gráfica da Bahia n.º 20 - Ano 02 / 30 de maio de 2008

Arte: Nelson Araújo

Letras d'África

Angola



Guiné-Bissau

HAVEMOS DE VOLTAR
Agostinho Neto*

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
Havemos de voltar

Às nossas terras
vermelhas do café
brancas do algodão
verdes nos milharais
havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar

Havemos de voltar
à Angola libertada
Angola independente

Cadeia do Aljube, outubro de 1960
In: Sagrada Esperança, Editora Ática, 1985.

*Agostinho Neto (1922-1979) foi poeta, médico e o principal líder da libertação angolana, tornando-se o primeiro presidente de Angola e referência para a luta em todo continente africano. Utilizou a poesia como arma em favor da liberdade dos povos da África.



Mozambique



São Tomé e Príncipe

HAVEMOS DE VOLTAR
Edson Carvalho e Cuiuba

Coanza, Congo, Matamba e
Angola de Ilê
As batalhas foram travadas
Ao querer fundar sua cidade
Ver seu povo em liberdade
Amava o traje e a riqueza
Soberana sua beleza
Ginga deusa de Angola

Angola sempre livre
Sempre foi seu pensamento
Sua vontade permanecerá
A bela pátria Angola
Nossa terra, nossa mãe
Nós havemos de voltar

E na senzala do Barro Preto Curuzu
A felicidade reinará
Porque os tambores do mundo*
anunciavam
Que no ano do decênio
Ilê vinha de Angola

Eua que bembesué
Chibenganga
Dunda, meu catendoio

E onde houver luta, há liberdade!
E sempre haverá Agostinho Neto –
Ilê Aiyê

Música-tema do Carnaval
do Ilê Aiyê de 1984 que
homenageou Angola.

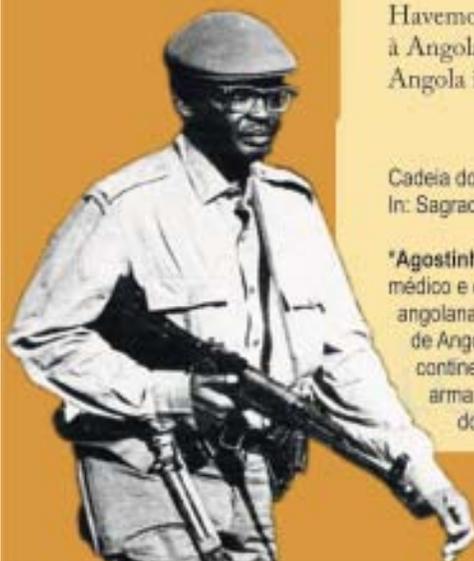
*Mondo é um tambor utilizado
Pelo povo Banto para
se comunicar.



Cabo Verde



Guiné Equatorial



DESTAQUES

Reflexões sobre a literatura
africana lusófona
Pág. 2

A produção literária
africana
Pág. 3

I Feira do Livro
do Portal do Sertão
Pág. 4

Editorial

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

Em 25 de maio de 1963, líderes das nações africanas se reuniram em Adis-a-Beba, capital da Etiópia, para discutir a situação do continente negro e as alternativas frente ao colonialismo que ainda sacrificava os povos africanos. A data ficou instituída como o Dia da Libertação da África, tendo como objetivo despertar a humanidade para a importância da África, como Terra-Mãe da qual foram gerados nações e povos, como nós os brasileiros. A *Folha Literária* relembra o Dia da África, através de guerrilheiros das letras, que utilizaram seus versos e prosas para a reafirmação da identidade cultural africana, mesmo que para isso tenham que utilizar a língua imposta pelo colonizador. A língua portuguesa que une esses escritores é também elo com nós, descendentes da África. Saudemos então esses *griôs* que difundem pelo mundo as Letras d'Áfricas.



Críticas e sugestões, entre em contato conosco pelos tels. (71) 3116-6918/6676/6919, por fax (71) 3116-6660, ou por email: ascom@fpc.ba.gov.br

Acompanhe também as demais programações da Fundação Pedro Calmon pelo site www.fpc.ba.gov.br



A literatura africana - as de língua portuguesa, para começar!

Alyxandra Gomes Nunes*

“Karingana ua Karingana”, é assim que iniciam as rodas de contação de história do povo Changana de Moçambique. É preciso uma fórmula mágica pra entrar no mundo dos sonhos da literatura.

A primeira coisa que devemos ter em mente quando falamos da literatura africana é que ela é plural, sempre: as literaturas africanas em língua - portuguesa, inglesa, francesa, ioruba, changana, suahili, árabe, igbo, haussá, wolof, etc. - tantos povos houver em África, tantas literaturas haverá também. O fato de terem um recorte lingüístico eurófono não confere aos autores dessa literatura uma unidade, mas sim, uma acessibilidade primeira e um sentimento de comunidade. Mas o que é fundamental em literatura é que o escritor escreve para ser lido; ninguém escreve para ser engavetado e comido por traças; logo, a característica primeira das literaturas africanas é que elas, na contemporaneidade, nasceram de uma necessidade imperiosa de dialogar com seus pares, de falar aos seus povos e de uma necessidade de formar corações e mentes, sem violência e com paixão. Estamos falando de uma literatura em tempos de contestação colonial, que surge no período de ocupação em que se deu o embate maior sobre a humanidade ou não dos povos africanos, e o questionamento sobre a validade do argumento colonialista sobre o caráter inumano dos povos que mereciam ser colonizados e “pacificados”.

Basicamente, a literatura produzida em África tem três momentos essenciais: um primeiro de desenraizamento; um segundo, com um conjunto de textos engajados na produção de uma identidade nacional e a literatura ultra-contemporânea (às vezes classificadas de Pós-Colonial), produzida a partir dos anos 90. Cada um dos países lusófonos africanos (Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique) apresenta peculiaridades em seu processo histórico, e, conseqüentemente, em sua produção artístico-literária no que concerne à apropriação do português e sua mescla com línguas autóctones. Outro aspecto transpassa o acesso e conhecimento a essa literatura: a questão da publicação e disseminação no Brasil de tais autores. Atualmente, até que há um número expressivo de literatos africanos publicados no país, por incentivo da lei 10.639/03 e do interesse, obviamente comercial, das editoras.

Anterior ao processo de independência, houve, em abundância, textos produzidos em África por autores do Império, ou sobre a África, por viajantes que produziram relatos sobre o que lá viram e viveram. Mas, esses textos não se tratavam ainda de um corpo literário autóctone ou nacional. Sempre houve, sim, a literatura de cunho oral, a chamada *oralitura*, mas que, para o modelo ocidental europeu, não tinha valor nem artístico nem universal. Somente nas décadas de 50 e 60 com o pavimentar das lutas pela independência e, posteriormente, nos anos 70, foi que se reivindicou um lugar importante e acadêmico para a oralidade. Assim como a valorização das histórias contadas pelos *griôs* e depositários do conhecimento, que circulavam de povo em povo, difundindo contos de cunho iniciático, recreativo e educativo para as crianças e jovens. No Brasil, a herança mais marcante dos *akpalôs* iorubas está presente nos contos iniciáticos do candomblé, que sobreviveram graças à memória e a transmissão de boca à orelha no campo sagrado dos terreiros.

São tantos e tantos os autores africanos e tem sempre uns bons pra começarmos... é só fuçar nas bibliotecas públicas do estado, do colégio, do CEAO, da universidade, da Casa de Angola, e nem precisa comprar! Biblioteca é pra isso. Para finalizar, precisamos encerrar com um outro *Karingana ua Karingana!* Pois, mesmo pra sonhar, é preciso voltar e estar com pelo menos um dos pés no chão.

***Alyxandra Gomes Nunes** Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos – PósAfro – CEAO/UFBA / alyxandragomes@yahoo.com.br

O artigo completo de Alyxandra Gomes Nunes, com indicação de autores e obras africanas, pode ser lido no nosso site: www.fpc.ba.gov.br

SEU POÊMIO - UM POETA NA RESERVA



A **Folha literária** é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação da Fundação Pedro Calmon / Secretaria de Cultura da Bahia
Diretor Geral (FPC): Ubiratan Castro de Araújo / Diretor Geral (EGBA): Hélio Marcio da Silva Carneiro / Jornalista Responsável: André Luís Santana (DRT BA 2226)
Arte e Diagramação: Lucas Queiroz / Equipe: Jamile Menezes, Juliana Dias, Carlos Souza e André Luís Santana / Revisão: Graça Câmara



NEGRA

Noémia de Sousa*

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos para elas só de mistérios profundos, de delírios
e feitiçarias...

Teus encantos profundos de África.
Mas não puderam.

Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedas-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.

E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...

e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...

menos tu.

E ainda bem.

Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,

a glória única e sentida de te cantar

com emoção verdadeira e radical,

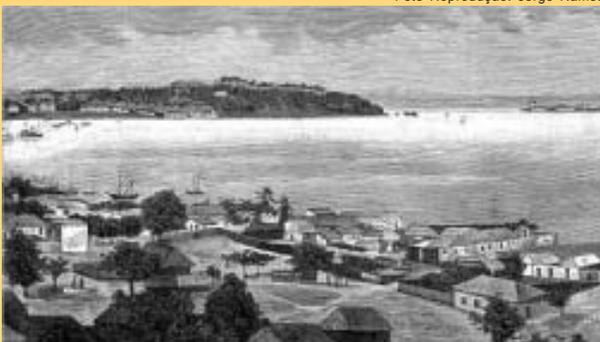
a glória comovida de te cantar, toda amassada,

moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE



***Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares** (Maputo, 1926 - 2003) foi escritora e jornalista moçambicana. Estudou no Brasil e publicou *O Brado Africano*; entre 1951 e 1964 viveu em Lisboa. Por sua oposição ao regime salazarista teve que exilar-se em Paris e usou o pseudônimo de Vera Macaia nas suas obras poéticas que foram publicadas clandestinamente.

Foto Reprodução: Jorge Ramos



Paisagem de Luanda, século XVII.

(*) "Nossos pais viviam numa grande planície junto ao mar...

Tinham animais e culturas. Tinham salinas e bananeiras...

De repente viram sobre o mar surgir um grande barco...

Este barco tinha asas muito brancas, brilhantes como facas...

Os homens brancos saíram da água e ficaram imóveis na praia...

Os nossos antepassados tiveram medo. Disseram que eram os "vumbis", os espíritos que regressam...

Repeliram-nos para o mar com frechadas...

Mas os "vumbis" vomitaram fogo com um barulho de trovão...

Muitos homens foram mortos. Muitos fugiram. Outros ficaram junto do grande mar...

Então os homens brancos desembarcaram de novo. Pediam galinhas e ovos.

Davam tecidos e missangas...

Pediam ouro, marfim, escravos!..."

(*) Texto adaptado da tradição oral dos Bapende orientais. **ANA, ZÉ E OS ESCRAVOS** de **José Mena Abrantes**.



José Mena Abrantes é poeta e ficcionista premiado, além de um dos mais perseverantes encenadores teatrais de Angola. Assume intensamente a atividade de dramaturgo, combinando a busca de painéis temáticos na história e nas literaturas orais, com um trabalho de reflexão teórica sobre o teatro angolano.

(*) "Claro, claro, nunca cheguei a invocar as tradições africanas. Tanto eu como tu somos dois animais urbanos, temos uma formação europeizada (maldito colonialismo), as nossas raízes estão mergulhadas num limbo sombrio qualquer e a nossa experiência rural limita-se uns piqueniques realizados no km. 8 (...)."

(*) Trecho do conto **IMITAÇÃO DE SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR** de **João Melo**.



Aníbal João da Silva Melo nasceu em Luanda em 1955. Estudou Direito em Coimbra e em Luanda. Jornalista, poeta, ficcionista e publicitário, dirigiu vários meios de comunicação angolano, estatais e privados.



Foto: Jorge Ramos

Crianças em Angola.

(*) "A velha dobrou as pernas como se dobrasse os séculos. Ela sofria doença do chão, mais e de mais se deixando nos caídos. Amparava-se em poeiras, seria para se acostumar à cova, na subfície do mundo?"

- Me leia a carta. Me entregava o papel marrotado, dobrado em mil sujidades. Era a Carta de seu filho, Ezequiel. Ele se longeara, de farda, cabelo no zero. A carta, ele a enviara fazia anos muito coçados. Sempre era a mesma, já eu lhe conhecia de memória, vírgula a vírgula.

- Outra vez, mamã Cacilda?"

(*) Trecho do conto **A CARTA** de **Mia Couto**.



Socio-correspondente da Academia Brasileira de Letras, o moçambicano **Mia Couto**, nasceu em Beira, Moçambique, em 1955. É um dos maiores escritores contemporâneos africanos e da literatura de língua portuguesa. É o autor de seu país mais traduzido no mundo e, só em Portugal, seus livros somam quase meio milhão de exemplares vendidos.

Foto: Jorge Ramos // www.jorginhoemangola.blogspot.com



Pescadores em Sangano, Angola.

"Mamãzinha [...]

Eu sinto

para além da tua epiderme de jambo dourado

o lirismo antigo da minha raça

crucifi cada

na encruzilhada

de duas sensibilidades..."

Oswaldo Alcântara, **CLARIDADE**, N.º 2.



Filólogo, poeta e ficcionista cabo-verdiano, **Baltazar Lopes da Silva** (1907-1990) nasceu na Vila da Ribeira Brava (ilha de S. Nicolau), em Cabo Verde. Foi, com Manuel Lopes e Jorge Barbosa, fundador da revista *Claridade*. Em alguns dos seus poemas usou o pseudônimo Oswaldo Alcântara. O seu romance mais conhecido é *Chiquinho* (1947). Escreveu também uma descrição dos crioulos de Cabo Verde, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1957.

Acontece

Arte: Nelson Araújo

Jornada de Literatura em Feira de Santana



Entre 30 de maio e 1º de junho, Feira de Santana realiza a **I Feira do Livro** na Praça da Matriz, das 8h30 às 20h, com lançamentos de livros, círculo de leitura, contação de histórias, recital de poesias, exposições, palestras, encontro com o escritor, entre outras atividades culturais. A Fundação Pedro Calmon/Secult estará presente através do Núcleo do Livro, Leitura e Literatura (NLLL) com a Jornada de Literatura, nos dias 30 e 31 de maio, com apresentações culturais e oficinas gratuitas de criação literária em poesia, literatura de cordel, RAP e mitologia africana. Dia 30, às 17h, acontecerá uma **Conversa com o Escritor**, com o poeta Landê Onawalê, e às 17h30 o Chá Literário, com lançamento do livro **Uns contos do Viva Maccaca** do escritor Marcos Peralta. A participação da Jornada termina no dia 31, quando haverá um recital poético, a partir das 9h, com Edgar Velame e, em seguida, apresentação dos resultados das oficinas no palco principal da Feira. As atividades da Feira continuam pela tarde e encerra no domingo, dia 1º de junho.



Fundação Pedro Calmon faz homenagem ao Dia do Meio Ambiente

Foto: Carlos Souza



Juca Ferreira.

Em comemoração ao Dia do Meio Ambiente (5 de junho), a Fundação Pedro Calmon/Secult promove, durante o mês de junho, palestras, exposições e encontros, abertos ao público. A Biblioteca Thales de Azevedo (Costa Azul) sedia a exposição fotográfica **Lagoas do Stiep**, do designer e ambientalista Hendrik Aquino. A preocupação com o desenvolvimento sustentável é o tema da exposição bibliográfica **No Rumo da Sustentabilidade – o planeta no século XXI**, que acontece nas salas 03, 04 e 05, da Biblioteca Pública do Estado (Barris). No Setor Infantil será, realizada, dia 04, a criação de um painel em formato de árvore, com mensagens de preservação da natureza. A Biblioteca Anísio Teixeira (Lad. São Bento) e a Casa Afrânio Peixoto, em Lençóis, também promoverão exposições bibliográficas sobre o Meio Ambiente.

Debates - Em Itaparica, no dia 06, às 10h, na Biblioteca Juracy Magalhães Jr., Danilo Marx, diretor de recursos costeiros da PRÓMAR, fará a palestra **Conservando o Meio Ambiente**. Dando continuidade ao **Ciclo de Conferências Memória dos Movimentos Sociais da Bahia**, será realizado, no dia 12, às 17h, no auditório da Biblioteca Pública do Estado (Barris) um debate sobre o Movimento Ambientalista na Bahia. O evento contará com a participação do secretário executivo do Ministério da Cultura e militante ecológico, Juca Ferreira, que foi vereador e secretário municipal do Meio Ambiente de Salvador. Toda programação no site: www.fpc.ba.gov.br

Núcleo comemora centenário de Guimarães Rosa

Veredas do Sertão: Guimarães Rosa e a linguagem do cinema é o título do seminário comemorativo ao centenário de nascimento de João Guimarães Rosa, promovido pelo Núcleo do Livro, Leitura e Literatura. Na programação haverá a exibição do filme *A terceira margem do rio*, de Nelson Pereira dos Santos, além de palestra com a prof^a. Ângela Menezes, que trará algumas reflexões sobre as versões literária e cinematográfica de Rosa. Na ocasião, o Núcleo também lançará o livro **Jorge de Lima: a poesia em crise; a palavra em pânico; o espelho naufrago**, do autor Jorge de Souza Araújo, pelo Selo Letras da Bahia. Dia 20 de junho, às 14h, na Sala Luis Orlando, da Biblioteca Pública do Estado (Barris).

Foto: Divulgação

